



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 12, NÚMERO 4 | OUT. - DEZ. 2023
<https://doi.org/10.47295/mren.v12i4.1404>

GUIMARÃES ROSA E O PLATONISMO HUMANISTA



GUIMARÃES ROSA AND THE HUMANISTIC PLATONISM

JOÃO ARAÚJO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 06/12/2023 • APROVADO EM 25/12/2023

Abstract

The present essay aims to establish a dialogue between Guimarães Rosa, and the critical reception of his work, with the philosopher Plato. Rosa, who openly claimed to be a reader of Plato, evoked Platonic thought as a rich and important key to reading his work, with Benedito Nunes being one of the main decipherers of the Platonic dimension in Rosian prose. Despite the forceful points made by Nunes, it is still possible to observe — through the highlights and comments highlighted by Guimarães Rosa in the volumes of the work of the Greek philosopher that he had in his personal library — that Rosa could have read the Platonic work for the poetic touch that it suggests, especially within its metaphysics. In this sense, Guimarães Rosa subverts the canonized image of a purely rationalist Plato for a Plato of enormous poetic force, which would have influenced the humanistic language of the Minas Gerais author.

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo estabelecer um diálogo entre Guimarães Rosa, e a recepção crítica de sua obra, com os preceitos do filósofo Platão. Rosa, que abertamente alegava ser um leitor de Platão, suscitou o pensamento platônico como uma rica e importante chave de leitura para sua obra, tendo sido Benedito Nunes um dos principais decifreadores da dimensão platônica na prosa rosiana. Apesar dos contundentes apontamentos realizados por Nunes, ainda é possível observar — através dos grifos e comentários destacados por Guimarães Rosa nos volumes da obra do filósofo grego que possuía em sua biblioteca pessoal — que Rosa

poderia ter lido a obra platônica pelo cunho poético que ela sugere, sobretudo dentro da sua metafísica. Nesse sentido, Guimarães Rosa subverte a imagem canonizada de um Platão puramente racionalista para um Platão de enorme força poética, que teria influenciado a linguagem humanística do autor mineiro.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Guimarães Rosa. Philosophy. Plato. Benedito Nunes. Brazilian literature.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa. Filosofia. Platão. Benedito Nunes. Literatura brasileira.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

É possível encontrar, com alguma recorrência, na obra do escritor João Guimarães Rosa, referências ao filósofo Platão. Em um primeiro momento podemos vê-las nas epígrafes de contos como *Páramo*, contido na obra póstuma **Estas Estórias** (1969), onde há uma passagem de *Górgias* que diz: “Não me surpreenderia, com efeito, fosse verdade o que disse Eurípedes: Quem sabe a vida é uma morte, e a morte uma vida?”. Além das epígrafes, podemos observar menções a Platão em outros paratextos como ocorre no Prefácio da coletânea de contos *Tutaméia* (1967) intitulada *Aletria e hermenêutica*, na qual propõe uma hermenêutica da vida, ou seja, as multifacetadas formas de atuar no mundo sensível, considerando, portanto, como mola propulsora “o mito da caverna” de Platão: “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas. Está-se a achar que se ri. Veja-se Platão, que nos dá o ‘Mito da Caverna’”. (Rosa, 2017, p. 26). Já no conto “Cara-de-Bronze”, pertencente à obra **Corpo de Baile**, publicada em 1956, destacam-se as citações em grego.

Ademais, outros fatores externos à obra do autor também constata a influência platônica na prosa do autor. O primeiro deles pode ser visto em uma carta endereçada ao seu tradutor italiano Edoardo Bizzari em 25 de novembro de 1963, na qual discorre acerca das suas influências “anti-intelectuais”:

Ora, você notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são “anti-intelectuais” – defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, dada inspiração, sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera carteseana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff - com Cristo, principalmente (Rosa, 1981, p. 58).

Já um outro pode ser encontrando em uma de suas anotações, na qual destaca o que, para ele, seriam os grandes livros:

Os grandes livros – e tenham os bois logo nomes: a Bíblia, a Ilíada, a Odisséia, a Divina Comédia, todo o Shakespeare, todo o Goethe, todo Platão principalmente, e todo Camões, e fico nos que freqüente (mais) – são a leitura mais atual, mais moderna e mais quotidianamente aproveitável que possa haver (Rosa, Caixa 21, Doc. 1(37) 9 envelopes. AGR/IEB/USP.).¹

2. BENEDITO NUNES: UMA LEITURA PLATÔNICA DE ROSA

Um dos principais críticos a abordar a dimensão neoplatônica na obra de João Guimarães Rosa foi o filósofo Benedito Nunes, pensador muito atuante na crítica literária no século XX no Brasil, que procurou fazer dialogar a obra rosiana com os preceitos platônicos com outras influências citadas pelo contista como a Cabala e a Bíblia.

Tal leitura pode ser vista através de ensaios como “O amor na obra de Guimarães Rosa”, no qual Nunes analisa, dentro do único romance do prosador mineiro, Grande Sertão: Veredas, a categoria do amor por parte de Riobaldo, protagonista do romance, em relação a três personagens marcantes da obra: Otacília, Diadorim e Nhorinhá. O filósofo paraense, então, destaca que a relação de Riobaldo com cada uma dessas personagens possuem naturezas distintas:

Otacília, “forte como a paz”, é apenas uma imagem ideal colhida, de passagem, num pedaço de sertão, e que sobre a alma do jagunço

1 AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. “Em casa de caranguejo, pele fina é maldição”: filosofia e sofística em Tutaméia de João Guimarães Rosa. Humanitas. Coimbra, 63, 2011. p. 605-636.

exerce um efeito purificador, levando-o a sonhar com uma outra vida, fora das andanças de guerrear e pelejar. Diadorim infunde-lhe uma paixão equívoca, vizinha do estado de confusão e encantamento atribuído ao Maligno ou ao poder do Destino: “Aquela mandante amizade [fala Riobaldo, referindo-se ao Reinaldo, Diadorim]. [...] Muito diferente desse estado de encantamento, de sedução diabólica, é o amor por Nhorinhá, simples e natural, que nasceu de um abraço voluptuoso e foi crescendo na memória de Riobaldo, em torno da recordação do prazer sensível que ela lhe proporcionara, até converter-se numa forte paixão, secretamente cultivada e estranhamente parecida com o sentimento mais puro, quase desencarnado e beatífico que a imagem etérea de Otacília nele produzida. (Nunes, 2007, p. 39).

Nesse sentido, Benedito Nunes vai atribuir as distintas naturezas desses amores de Riobaldo à dialética ascensional, propagada por Diotima a Sócrates na obra **O banquete** de Platão, na qual há um escalonamento que vai dos sentidos mais carnis ao plano espiritual, ou, como aponta o próprio Benedito Nunes, “do corpo à alma, da carne ao espírito, num perene esforço de sublimação, que parte do mais baixo para atingir o mais alto [...]” (Nunes, 2007, p. 39). A leitura do filósofo, guiada pelo *eros* platônico, é colocada juntamente das dimensões cristã e herméticas: o amor divino em contraposição ao erotismo místico, ambos, partindo da dialética ascensional platônica, se complementam, ou seja, a enlevação do carnal ao espiritual obedeceria, portanto, às formas de afetação do sujeito pelo *eros*:

A harmonia final das tensões opostas dos contrários aparentemente inconciliáveis que se repudiam, mas que geram, pela sua oposição recíproca, uma forma mais superior e mais completa, é a dominante da erótica de Guimarães Rosa. Nela o amor espiritual é o esplendor, a refulgência do amor físico, aquilo em que a sua sensualidade se transforma, quando se deixa conduzir pela força impessoal e universal de *eros* (Nunes, 2007, p. 43).

Em outro ensaio, *Matéria vertente*, Benedito Nunes vai apontar, também dentro de **Grande Sertão**: Veredas, a também dimensão platônica de uma das categorias mais caras do romance rosiano, a saber: a memória.

O extenso monólogo que marca o romance, no qual Riobaldo conta suas experiências ao seu interlocutor, desencadeia, no viés do filósofo, a problemática do

que pode ser contado e, inevitavelmente, da necessidade de contar, fator que pode ser evidenciado através das diversas analepses que compõe a obra. Ao longo de **Grande Sertão: Veredas**, é possível nos depararmos com passagens nas quais Riobaldo relata uma dificuldade em contar algo, uma vez tendo a compreensão que o resgate do passado não se constitui enquanto atividade isenta e puramente racional, diz Riobaldo:

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não (Rosa, 2019, p. 136).

A reminiscência dentro do romance é vista, através da ótica de Benedito Nunes, como sendo um problema da anamnese platônica. Desse modo, o que Riobaldo consegue contar seria fruto de uma “matéria vertente”, ou seja, de resquício mnemônico já modulado pela subjetividade do protagonista do romance. Nesse sentido, o “balancê” mencionado por Riobaldo se daria pelo reconhecimento de sua atividade anamnética, a qual, por ser imprecisa, possui uma natureza disforme:

A recordação transporta Riobaldo ao fundo de si mesmo, levando-o ao dúbio conhecimento do que foi e daquilo que se tornou, em meio ao vago discernimento do que poderia ter sido. É que a lembrança se converte em reminiscência, recordação obscura através da qual, paradoxalmente, pode ver com súbita clareza o que importa (Nunes, 2019, p. 465).

Desse modo, Benedito Nunes considera que a problemática anamnética do personagem Riobaldo irá pautar não somente a tessitura narrativa do romance, mas como também a ambiguidade que obra sugere: a natureza andrógina de Diadorim/Reinaldo, a realização ou não do pacto, a existência ou não do Diabo, etc. Todas as questões postuladas pelo próprio Riobaldo emergem, segundo Nunes, da necessidade da tarefa anamnética, que, por sua vez, é sempre imprecisa e ocorre *ad infinitum*. Portanto, percebemos que a leitura do filósofo paraense está calcada,

sobretudo, nas duas dimensões platônicas: o mundo sensível e o mundo inteligível. Assim estabelecendo uma problemática para o sujeito ao buscar atingir a “verdade”, esta pertencente ao mundo inteligível, pelas vias subjetivas da experiência sensível. Uma vez não sendo possível realizar essa tarefa com perfeição, resta a Riobaldo contar apenas a “matéria vertente” – o resquício de uma verdade que já não pode mais ser alcançada pela linguagem.

Entretanto, apesar de Benedito Nunes ter buscado decifrar a dimensão platônica na obra de Guimarães Rosa, juntamente de outras influências como o hermetismo e o pensamento cristão, seria preciso apontar quais obras e quais ideias do filósofo helênico surtiram influências no autor de **Sagarana**. Ou seja: em que medida o pensamento platônico é, de fato, incorporado ao universo rosiano? Apesar de complicada, a tarefa pode, ao menos, ser investigada ao consultarmos a biblioteca pessoal de Guimarães Rosa no IEB/USP, na qual constam volumes do filósofo dentro de tomos organizados pelo comentador Émile Chambry.

3. ROSA, LEITOR DE PLATÃO

Apesar de não ter tido muito apego por seus livros, tendo somente 2770 volumes em sua biblioteca pessoal, atualmente conservada no IEB/USP², João Guimarães Rosa nos deixou um quantitativo importante de obras de autores canônicos como Franz Kafka, Friedrich Nietzsche, Goethe e vários outros em seu acervo. Dentre essas obras também foram encontrados alguns volumes em língua francesa de obras de Platão e de um importante comentador da obra platônica, Émile Chambry, como pode ser visto na essencial dissertação *O Platão de Rosa: A obra de Guimarães Rosa em diálogo com a Metafísica Platônica* de Marcela Macedo Diniz Mapurunga.

Em sua dissertação, Mapurunga procurou analisar os grifos e comentários feitos por Rosa em obras como **Fedro**, **Górgias** do próprio Platão, apresentados no **Oeuvres de Platon** de Chambry. Uma das primeiras marcações de Guimarães Rosa que pode ser de suma importância para o entendimento de como o prosador mineiro

2 BONOMO, D. R. A biblioteca alemã de Guimarães Rosa. *Pandaemonium germanicum*. 16/2010.2, p. 155-183.

leu Platão pode ser vista no Tomo II dos **Oeuvres de Platon**, mais especificamente no **Fedro**, o qual Rosa nomeia como “o livro mais belo”³, é quando no trecho do qual Sócrates torna a falar sobre os delírios divinos, contornado pelas inscrições “Poesia” e “Amor” manuscritas por Guimarães Rosa. É de se esperar que Rosa, enquanto literata e leitor de Platão, tivesse um profundo apreço por **Fedro** dado que a obra trata, sobretudo, de questões como a retórica, a alma e o amor, todas caras ao romancista.

Contudo, possivelmente o destaque maior que podemos dar, para o estudo a que nos propormos agora, possa ser dado na página 204 do tomo, onde há um longo comentário de Chambry sobre a natureza poética do pensamento platônico, e que foi prontamente assinalado por Guimarães Rosa. Destaquemos, pois, o trecho que, devida a sua importância, ocorre na íntegra da seguinte maneira:

Aucun tableau d’Homère ne dépasse en grandeur la peinture des majestueuses évolutions des dieux emportés par la mouvement du ciel, ou de la mêlée des âmes qui s’élancent vers les idées et retombent les unes sur les autres en se froissant [et s’étropiant dans leur chute] La force de l’imagination est telle chez Platon qu’il crée des mythe, comme l’ont fait les poètes primitifs (Chambry, 1922, p. 204).

Sobre o trecho supracitado, destaca Murupunga:

Aqui, o comentador do diálogo afirma que “a força da imaginação em Platão é tal que ele cria mitos, assim como fizeram os poetas primitivos” e, antes, diz que nenhuma criação de Homero ultrapassou em grandeza a imagem platônica das “majestosas evoluções dos deuses levadas pelo movimento do céu” ou das almas mistas que, na corrida em direção às ideias, atropelam-se, uma sobre as outras, e acabam decaídas. O trecho assinala a criação de mitos como traço em comum entre Platão e os poetas ditos “primitivos” (Homero, Hesíodo, etc.) e exalta grandeza das imagens platônicas, chamadas de “pinturas”, destacando a potência artística do filósofo. As marcações feitas por Guimarães Rosa demonstram que o comentário - que constitui uma opinião do comentador de que Platão supera a poesia de Homero na construção de imagens

3 MAPURUNGA, Marcela M. D. O Platão de Rosa: a obra de Guimarães Rosa em diálogo com a metafísica platônica.

mitológicas, ao menos, em duas oportunidades – provocou um impacto no escritor (Mupuranga, 2018, p. 22).

O comentário de Émile Chambry, que parece ter chamado a atenção de Guimarães Rosa, constitui contrassenso uma vez que Platão é conhecido por ser o filósofo que “expulsou os poetas de sua república”, pois não tinha bons olhos para a obra artística por se tratar, segundo ele, de uma imitação da imitação. Ou seja, a obra de arte, para Platão, constituiria em uma imitação do objeto em si, como é colocado no Livro X de **A República** durante o diálogo de Sócrates e Glauco:

Sócrates – Vejamos que há três espécies de camas: uma que existe na natureza das coisas e de que podemos dizer que Deus é o criador. Quem mais seria, senão Ele.
Glauco – Ninguém, em minha opinião.
Sócrates – Uma segunda é a do marceneiro.
Glauco – Sim.
Sócrates – E uma terceira, a do pintor.
[...]
Glauco – Queres então que demos a Deus o nome de criador natural, deste objeto ou qualquer outro semelhante? Nada mais justo, visto que, criou a natureza desse objeto e de todas as outras coisas.
Sócrates – E o marceneiro? Devemos chamá-lo de obreiro da cama, não é verdade?
Glauco – Sim, é.
Sócrates – E chamaremos o pintor o obreiro e criador desse objeto?
Glauco – Não, de modo algum.
Sócrates – Dizes-me, então, o que ele é em relação a cama.
Glauco – Parece-me que o nome que lhe conviria melhor é o de imitador daquilo de que os outros dois são artífices.
Sócrates – Que seja. Chamas, portanto, imitador ao autor de uma produção afastada três graus da natureza. (Platão, 2012, livro eletrônico).

Em um primeiro momento, podemos perceber que, ao menos em sua **República**, o filósofo helênico não possui uma opinião muito favorável ao caráter criador da obra artística por se tratar de, o que ele próprio destaca, uma “produção afastada três graus da natureza” que, nesse sentido, não serve a *práxis* exigida por sua república.

O comentário de Chambry, portanto, torna-se instigante na medida em que destaca Platão como um criador sem sê-lo. A criação das imagens platônicas, para

Chambry, não se dão a nível necessariamente prático – como o é com o pintor. A criação platônica é, na verdade, uma autocriação do seu mundo inteligível e da força do seu estilo. Não se trata, portanto, de criar arte, mas da poética que sua metafísica sugere. Não é por acaso que Guimarães Rosa destaca, além do comentário de Chambry, diversas imagens que Platão despente em sua obra como “*les beaux arbres, l’hebre drue et les eaux transparentes*” ou quando destaca uma imagem eloquente como “*un dieux tombé qui se souvient des cieux*” (Mapurunga, *op. cit.*, p. 19).

A dimensão da poética platônica, regida pela metafísica e pelo estilo do filósofo, são evidenciadas diretamente pelo próprio autor de **Grande Sertão: Veredas** quando afirma:

[...] E o poeta aprende a ver as coisas em estado nascente – que é sábia maneira de desver o mesmismo estouvado da realidade aparente. Convém reler o apólogo das sombras nas paredes da caverna, na “República” de Platão (Rosa, Caixa 21, Doc. 1 (37) envelopes 3/9 (4). AGR/IEB/USP.⁴

4. O PLATONISMO HUMANISTA DE ROSA

Isto posto, é possível reconhecer que o “mito da caverna” de Platão é tido por Guimarães Rosa como uma metáfora da criação artística. Nesse sentido, a impulsão pela autocriação seria fruto da jornada através do processo da anamnese, como vimos na leitura de Benedito Nunes, através não da construção ou resgate das formas inteligíveis, mas do que se pode produzir nessa busca incessante. Assim, a reminiscência estaria a par não do idealismo primordial das formas, como explanado por Platão, mas de um idealismo que apenas se reporta ao próprio sujeito, uma vez que é tudo o que ele alcança. A anamnese, portanto, não se reporta ao ideal, e sim a uma construção particular dado o fechamento do sujeito em si: “Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? (Rosa, 2019, p. 224).

4 op. cit., 2011.

Durante uma entrevista concedida ao crítico literário Günther Lorenz, João Guimarães Rosa destaca a centralidade do homem no ato da criação: “O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação”.⁵ A centralização do homem enquanto criador da sua realidade, como queria Rosa, contrapõem-se radicalmente ao que havia posto Platão quando destacava a necessidade de atingir o inteligível pelo sensível. Se para Platão deveríamos procurar a atingir o ideal, fruto do Demiurgo, para Rosa nós somos os criadores da nossa própria linguagem. Se dá, assim, o compromisso humanista na língua na obra do autor mineiro que é apontado por Lorenz e corroborado pelo próprio Rosa.

A metafísica, portanto, tanto a platônica quanto a rosiana, assumiriam, pelo viés humanístico da língua, um débito com seu criador: quem a modula, o falante. A problemática enfrentada por Riobaldo em “contar o certo”, no *Grande Sertão: Veredas*, se daria porque não se pode contar o certo, este pertencente à idealização do mundo inteligível, mas sim a experiência do sensível, que, sendo palavra oriunda do grego *aesthesis*, relata um objeto caro a todo artista: estética. À vista disso, seria possível afirmar que, dentro do romance, a dialética posta entre a dificuldade de “contar o certo” e a força universal do divino ocorrem por aquilo que o sensível (*aesthesis*) vivência. A humanística rosiana permeia, então, o pensamento dual do platonismo na medida em que a formação do sujeito, como colocado por Gadamer (1999, p. 54), ocorre através da intromissão do indivíduo no âmbito cultural e linguístico, de modo que sua naturalidade fosse interrompida. Riobaldo, portanto, seria fruto de um processo de uma formação singular de cultura e linguagem, algo que, até certo ponto, o impediria de experimentar o inteligível universalista do platonismo.

A função estética estaria, portanto, na ordem do sensível que, dentre os diversos graus, como posto por Platão, busca sua própria autenticidade, diferenciando-se, assim, da “tradição mística, segundo a qual o homem traz em sua alma a imagem de Deus segundo a qual ele foi criado, e tem de desenvolvê-la em si mesmo” (Gadamer, *op. cit.*, p. 49). Nesse sentido, temos na tradição humanística,

5LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Guimarães Rosa. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.

entre o binômio sensível-inteligível, a força da linguagem que parte, incerta, entre as diversas realidades que ela pode formar. A metafísica rosiana não estaria calcada, somente, na busca do divino, mas da jornada e veredas que aparecem no meio do caminho perante os mistérios do Destino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras de Guimarães Rosa e suas marcações e anotações acerca de Platão, podemos observar que Rosa realiza, talvez influenciado por Chambry, uma inversão do que a priori seria a dualidade platônica. Não podemos desconsiderar que Benedito Nunes, ao dissecar as obras do autor tendo como chave de leitura os preceitos platônicos, já havia atentado para determinados pontos em que Rosa parece fazer uso de uma proposição do filósofo grego para, ao que parece, subvertê-la, ou ao menos lançar uma luz sobre suas causas.

A busca rosiana, influenciada pelo “mito da caverna”, seria um eterno jogo de sombras – a ignorância que Riobaldo relata. Em meio a isso, estaria o que, talvez, seria a inteligibilidade rosiana: o homem e o seu destino. A problemática do *Grande Sertão: Veredas*, portanto, não corresponderia integralmente aos postulados de Platão em sua metafísica, mas teria esta, a metafísica platônica, um papel alegórico (Mito da Caverna) partindo da percepção do estágio atual do homem e do mistério perante o desconhecido, destacando, pois, a dimensão humanística da obra uma vez que atribui ao indivíduo a projeção do seu próprio destino. Tal posição pode, inclusive, foi percebida por Benedito Nunes no texto “A Viagem”:

Para Guimarães Rosa, não há, de um lado, o mundo, e, de outro, o homem que o atravessa. Além do viajante, o homem é a viagem – objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz. Ele atravessa a realidade conhecendo-a mediante a ação da *poiesis* originária, dessa atividade criadora, que nunca é tão profunda e soberana como no ato de nomeação das coisas, a partir do qual se opera a fundação do ser pela palavra, de que fala Heidegger (Nunes *apud* Pinheiros, 2012, p. 179).

Assim, a dimensão metafísica do romance consistiria na fundação/formação do ser trazida por Heidegger e Gadamer, que, desse modo, subverteriam a imagem idealista demiúrgica do mundo inteligível, que, por sua vez, tornou-se leitura recorrente para aqueles que tomam Platão como personificação do racionalismo grego. Contudo, vimos também que o Platão de Guimarães Rosa parece não está voltado a essas convicções, uma vez que o contista destaca, entre várias outras coisas na obra platônica, a sua reverberação poética, aquelas que Chambry dizia ser superior à de Homero. O poder das imagens platônicas e a linguagem humanista de Rosa então colidem para a criação de uma metafísica singular, na qual prevalecem as veredas que os personagens seguem e assim gritam a sua própria verdade: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (Rosa, 2019, p. 435).

Referências

AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. “**Em casa de caranguejo, pele fina é maldição**”: filosofia e sofística em Tutaméia de João Guimarães Rosa. *Humanitas*. Coimbra, 63, 2011. p. 605-636.

BIZZARI, Edoardo. Carta. In: **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. São Paulo: TA Queiroz/ Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, 1981.

BONOMO, D. R. **A biblioteca alemã de Guimarães Rosa**. *Pandaemonium germanicum*. São Paulo, 16/2010.2, p. 155-183.

CHAMBRY, E. Notice sur le Phèdre. In: **PLATON**. Oeuvres de Platon: Ion, Lysis, Protagoras, Phèdre, Le Banquet. Trad. E. Chambry. Paris: Garnier, 1922.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e Método**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

LORENZ, Günter W. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.

MAPURUNGA, Marcela Macedo Diniz. **O Platão de Rosa: a obra de Guimarães Rosa em diálogo com a metafísica platônica**. 2018. 240 f., il. Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

NUNES, Benedito. **O amor na obra de Guimarães Rosa**. Revista Asas da Palavra. v. 11, n.1, 2007.

NUNES, Benedito. A Matéria Vertente. In: ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Ingrid Cruz de Souza Neves. Organização: Daniel Alves Machado. Brasília: Editora Kiron, 2012. Livro Eletrônico. Posições: 5729, 5740, 5751.

PINHEIRO, Victor Sales. **Benedito Nunes, filósofo da literatura**. Ekstasis: revista de Hermenêutica e Fenomenologia. ano 1., vol. 1, 2012.

ROSA, J. G. Caixa 21, Doc. 1(37) 9 envelopes. AGR/IEB/USP.

ROSA, J. G. **Estas Estórias**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 22. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, J. G. **Tutameia** (Terceiras Estórias). 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Para citar este artigo

ARAÚJO, J. Guimarães Rosa e o platonismo humanista. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 12, n. 4, 2023, p. 1-13.

O autor

JOÃO ARAÚJO possui graduação em Letras - Bacharelado pela Universidade Federal de Pernambuco (2023). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em teoria e crítica literária.